

Stadium

N.º 134 ★ 20 DE JUNHO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



BENFICA- -SPORTING

Rosa evita uma fulgurante entrada de cabeça de Peyroteo. Cerqueira e Jesus Correia seguem o lance. Gaspar Pinto (encoberto procura auxiliar o seu «keeper».



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

A nova organização do futebol português

TEMOS atacado, de frente e voluntariamente, o problema da organização dos campeonatos de futebol, que bem poderia chamar-se o problema máximo. Fiés a velhos princípios, entendíamos que a resolução do caso competia aos dirigentes, estando embora o seu estudo perfeitamente dentro da nossa alçada.

A nova organização dos campeonatos de futebol, dizíamos, deverá obedecer aos seguintes princípios:

I. Eliminação, pura e simples, dos campeonatos distritais.

II. Alargamento da Primeira Divisão do Campeonato Nacional.

III. Remodelação da Segunda Divisão do Campeonato Nacional, de modo a corresponder às solicitações do futebol português.

IV. Subsistência da actividade do futebol distrital ou regional, isto é, um futebol limitado, em novos moldes.

Não se conhece, em todos os seus detalhes, a organização que se projecta, a qual, segundo cremos, se encontra apenas esboçada mais no cérebro dos dirigentes do que no campo prático. O que se sabe é, no entanto, suficiente para se afirmar que a remodelação assenta nos princípios assim anunciados. Vejamos:

I. Desaparecem, na verdade, os campeonatos distritais.

II. Projecta-se uma Primeira Divisão, com 14 clubes: Sporting de Braga e Vitória de Guimarães (de Braga); Pôrto e Salgueiros (do Pôrto); Sporting de Espinho (de Aveiro); Académica (de Coimbra); Benfica, Sporting, Belenenses, Estoril e Atlético (de Lisboa); Vitória e Barreirense (de Setúbal); e Olhanense (do Algarve).

III. Segunda Divisão constituída por 28 clubes, em dois grandes lotes de 14, agrupados em zonas Norte e Sul, incluindo as Associações de Viana, Pôrto, Braga, Vila Real, Lisboa, Santarém, Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro.

IV. Criação de uma terceira Divisão, uma zona por cada Associação Distrital, que poderá ser dividida em séries.

Estes campeonatos ligar-se-ão uns aos outros: o campeão da Segunda sobe imediatamente à Primeira, descendo o último desta, e o sub-campeão discutirá a entrada com o penúltimo; os dois últimos da Segunda darão o lugar aos dois primeiros da Terceira.

Está em laboração a maior remodelação de quantas se têm operado no futebol português. Comentá-la-emos devagar. Nas suas linhas gerais — excelente. Em alguns aspectos, e importantes, é preciso ver bem a questão.

CORRE QUE...

Diversos clubes estão esperançasos em que lhe sejam autorizadas transferências de jogadores...

♦ ♦ Um incidente entre Biri, treinador, e Joaquim Teixeira, jogador, ia tendo graves conseqüências!

♦ ♦ Quasi todos os clubes, mesmo os mais modestos, procuram melhorar os seus grupos, contratando treinadores. Balbino, antigo jogador do Pôrto e do Carcavelinhos, será o orientador técnico do Infesta.

♦ ♦ Afinal de contas, o médio-centro Jordan, francês, não vem para Portugal, e para o Futebol Clube do Pôrto, como chegou a dizer-se.

♦ ♦ Manuel da Costa, extremo-direito, ultimamente no Benfica, volta a jogar.

Afirmava-se que alinharia no Atlético, tendo recebido uma proposta tentadora. Sabemos que mudou de rumo, aceitando o cargo de treinador, e jogando ao mesmo tempo no team de Albergaria. A propósito, diga-se que se trata de um clube que tem óptimas instalações desportivas.

♦ ♦ O magnífico team de juniores apresentado pelo Seixal causou a melhor das impressões. O facto foi devidamente registado pelas entidades oficiais.

♦ ♦ Carvalho, do Benfica, encontrava-se no Salgueiros, fazendo de treinador. De repente surge no União, de Coimbra, e a notícia provoca viva admiração.

♦ ♦ Manuel Monteiro, dirigente dos árbitros, já não faz parte da Comissão Central.

♦ ♦ O Académico de Viseu não dispensará o seu jogador Neves. Fazia-lhe falta...

♦ ♦ Houve quem estranhasse, e muito justamente, que a meia-final de juniores, entre o Benfica e o Seixal, se tivesse disputado em Lisboa. O caso justifica-se. Foi o próprio Seixal que pediu a transferência do jogo para a capital, alegando a dificuldade dos seus jogadores, a maior parte dos quais operários de fábricas de cortiça, se deslocarem a Vila Franca.

♦ ♦ Fala-se com insistência na mudança de Acácio, guarda-rédes suplente do Belenenses, para o Atlético. Confirme-se, ou não, esta transferência, tem-se como certo que, por decisão belenense, ele não continuará no clube.

♦ ♦ De Armando, avançado-centro, também se diz muita coisa. Mas é natural que ele continue no Belenenses. Onde, acrescentamos, conta simpatias.

♦ ♦ João da Palma, jogador muito conhecido no Barreiro, que alinhou há tempos na famosa Selecção dos Novos, deverá ingressar no Olhanense. A ser assim, o clube algarvio recebe um reforço considerável. De Cabrita, o esplêndido avançado-centro, continua a falar-se, e o nosso informador garante que virá para Lisboa.

♦ ♦ Decididamente, as relações do futebol português e espanhol, que decorriam no melhor dos mundos, estão seriamente afectadas. Depois do caso Barcelona, temos a recusa, também à última hora, da deslocação do team da Federação Galega. O caso mais curioso é que o jogo estava já autorizado, não só pelas Federações Nacionais como pelas entidades superiores do desporto de ambos os países. De resto, o encontro tinha retribuição: um jogo no Pôrto, e outro em Vigo — o que lhe dava manifesto equilíbrio.

Por outro lado, o encontro nem sequer tinha grande significado desportivo. O Celta, a base da selecção galega, acaba de ascender à Primeira Liga, e isso significa categoria relativa. Estamos convencidos de que, depois do desfo, reinará novamente a harmonia nas relações do futebol espanhol e português. Por enquanto — nuvens negras...

♦ ♦ O castigo de 3 jogos oficiais foi imposto a António Marques, interior do Sporting, com base no relatório do delegado do jogo. O árbitro, Carlos Canulo, não fez qualquer participação. Quere dizer: no entendimento do árbitro — tudo foi legal, Mas o delegado... Ah! Estes delegados!

Há resposta para tudo...

Aos poucos — não se impacientemente, responderemos a todas as perguntas. Temos em nosso poder muitas seleções de seleccionadores curiosos. Regra geral, já foram para a gaveta das coisas que não prestam. Algumas talvez sejam publicadas, tão curiosas são.

P. 73 — Qual o grupo português mais bem constituído fisicamente?

Quais os três jogadores portugueses mais corpulentos? E qual o mais forte: Feliciano ou Aparício?

Quais os dois jogadores portugueses mais acrobatas, em salto e corrida? Quais os dois melhores dribladores?

(Gilberto Manuel de Moraes Oliveira, de Avintes, V. N. de Gaia).

R. 73 — A sua pergunta é muito difícil. Talvez o Sporting...

Por exemplo: Peyroteo, Vasco e Feliciano. Entre os dois, Feliciano e Aparício, pode escolher o que quiser...

Por exemplo: Espírito Santo e Albano. Recordar-nos também um antigo avançado-centro do Benfica, que, actualmente, se não estamos em erro, alinha no Fósforos. Talvez este seja o grande acrobata. Não se pode dizer, com segurança, quais são os melhores dribladores.

P. 74 — Em que data se realizou o primeiro Campeonato do Mundo? Quais foram os finalistas e o vencedor? Portugal tomou parte nesse Campeonato?

(De João Borges, de Santo Amaro).

R. 74 — Em 1930. Finalistas: Uruguai e Argentina, tendo-se disputado a final a 30 Julho. O Uruguai venceu por 4-2, depois de estar a perder, ao intervalo, por 1-2. Jogo arbitrado pelo belga Laugennes. Portugal não concorreu.

P. 75 — Quais são os melhores: Romão, do Pôrto, ou Grazina, de Olhão; Guihar ou Feliciano; Teixeira, do Oliveirense, ou Barrigana, do Pôrto; Valongo ou Capela.

(De Claudionor Castanheira).

R. 75 — Grazina, Feliciano e Barrigana. Valongo tem mais experiência, mas já chegou ao seu melhor ponto. Capela está a subir e há quem ponha as maiores esperanças na sua carreira. Nós somos dos que confiamos no valor do novo guarda-rédes.

Assine a STADIUM

Stadium

BENFICA e SPORTING num desafio culminante

com «fases» de relêvo técnico e «momentos» inferiores de jôgo

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

A segunda mão das meias-linhas da Taça de Portugal era constituída por dois encontros plenos de interesse. A verdade é que tanto o Benfica como o Vitória não tinham conseguido no primeiro embate uma superioridade que os deixasse tranquilos.

O perigo existia para os quatro concorrentes. Sabia-se bem que os vencidos poderiam passar a vencedores, e vice-versa. Qualquer deles não deixaria de arriscar tudo, com o maior entusiasmo e fé, numa luta de vida ou morte. Que tem ainda a característica particular de dar a uma coisa que se chama goal maior valor do que o normal. Um goal é o suficiente para apurar um finalista, e o contrário também se dá. Não neguemos emoção a estas partidas!

O Benfica e o Olhanense eram os favoritos. Isto é, encontravam-se em melhor situação que os seus valerosos adversários. Competia ao Benfica defrontar o Sporting no Campo Grande, em ambiente retintamente de fé benfiquense, estando os encarnados já a ganhar por uma bola antes do desafio começar. Importava ao Olhanense cair a fundo sobre os setabalenses, no seu campo Padinha, de forma a anular a vantagem de duas bolas adquirida pelo Vitória na primeira partida.

Se, quanto ao caso de Lisboa, o factor campo não desempenhava um papel preponderante, já em relação ao outro desafio não se podia dizer o mesmo. O campo e ambiente algarvio eram um grande trunfo para o Olhanense.

Ora os resultados confirmaram, desta vez, a lógica do futebol. Que a situação dos favoritos não era sólida, prova-o a própria qualificação do Olhanense por um goal tangencial, e o facto do Sporting ter anulado a vantagem benfiquense, tornando-se necessário um jôgo de desempate. Vejamos os resultados:

Benfica..... 2 — Sporting..... 3 (4-4)
Olhanense..... 3 — Vitória..... 0 (3-2)

Indicam-se entre parêntesis a soma dos resultados das duas mãos, afinal o que importa. Poderia, mesmo, escrever-se ter o Benfica empatado com o Sporting 4-4, e o Olhanense derrotado o Vitória por 3-2. Era mais expressivo.

Temos, assim, um terceiro encontro em perspectiva. Pobres jogadores que, na altura própria do desfo, se vêem forçados a duplicar as suas energias, teimando em não sacumir. Que am deles, Benfica ou Sporting, tem de cair. Mortalmente...

O Olhanense comparecerá, já está decidido, nesta final de 1945. Não é a primeira vez que, numa prova desta índole, o clube tem semelhante honra. Em todo o caso, há muito tempo que o clube algarvio não se destacava tão brilhantemente. A sua comparência na final justifica-se por completo. O team algarvio pratica um futebol de boa técnica dentro da escola da velocidade e do apêgo à luta. E não se julga que o problema está resolvido. Enganam-se aqueles que dão o representante lisboeta como vencedor certo. O Olhanense, menos fatigado que o outro finalista, vai jogar a sua cartada com mão que não treme. A final apresenta-se equilibrada e indecisa. Uma verdadeira final!

O Campo Grande registou grande enchente. O campo é manifestamente insuficiente para os jogos grandes. Uma agitação singular percorria o terreno de-lés-a-lés. Ambiente já conhecido da gente desportiva: bandeiras e gritos de incitamento.

O Benfica alinha com Rosa, Gaspar, Cerqueira, Alcobia, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Jálilo, Teixeira e Rogério.

O Sporting formou: Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Barrosa, Veríssimo, Lourenço, Jesus Correia, João Cruz, Peyroteo, Albano e Ismael.

A anotar, o regresso do médio Barrosa e a sua colocação na asa direita; e ainda a posição de Ismael, ponta esquerda, solução originada pelo incompreensível castigo aplicado a António Marques, provando-se ao mesmo tempo a falta de jogadores com que os leões lutam. É caso para perguntar: que acontecerá ao Sporting no dia em que alguns dos seus elementos, e justamente os pilares do grapo, abandonarem a actividade?

O Sporting começa muito bem. Obedecendo à ordem atacar a fundo, invadia de começo o campo do adversário. Esses três minutos deram, mesmo, o período fulgurante sportinguista, coroado por um excelente goal de Peyroteo. O grapo, anido e movendo-se em conjunto, realizou o jôgo de combinação com sobriedade e eficiência.

Cedo o Benfica responde, logo se libertando desse domínio para dominar por sua vez. Como? Baixando o jôgo e levando a bola até à área perigosa do Sporting, em passes certos e com o auxílio de fintas driblings.

Depois de qualquer dos teams ter dado o seu máximo, caía-se, iam a escrever necessariamente, numa fase de equilíbrio — pôsto que o Benfica nos desse a sensação de maior segurança. Precisamente aos quarenta minutos, as qualidades atléticas de Espírito Santo, isto é, o seu prodigioso salto, davam o empate ao Benfica, no aproveitamento de cabeça de um corner, em que a figura do referido extremo-direito surgia no ar, como que impulsionada por uma mola, dominando o cacho de jogadores de que fazia parte.

Há aspectos que convém esclarecer. O jôgo desenvolveu-se com grande velocidade. Mas é preciso notar que isto não significa que os jogadores tivessem corrido muito. Jôgo veloz não quer dizer jogadores velozes. É que este segundo aspecto não interessa. O que é preciso é que a bola corra no campo rapidamente, chegando à frente

das rédes, a fase decisiva da batalha, o mais depressa possível e em condições de ser anichada no buraco.

Diga-se, portanto, que os jogadores de ambos os lados, obedecendo aos cânones, souberam imprimir à partida a característica da velocidade, e tanto basta para desculpar várias imperfeições de ordem técnica.

Enquanto que o Benfica procurou o passe rasteiro, multiplicando-se em passagens e abusando do toque para o lado, o Sporting poucas vezes conseguiu a bola sobre o terreno nas suas combinações, tentando antes a combinação perpendicular ou rectilínea, a meia-altura, em aproveitamento da sua magnífica unidade, o avançado-centro. Esta preocupação do grapo leonino foi notória: dar a bola a Peyroteo, numa só passagem, para a frente. O goal inicial é um exemplo. Outros podiam ver apontados.

A favor do vento, na segunda parte, tudo fazia prever um crescer benfiquense. Realmente — assim sucedeu. O Benfica, em toda efectiva de ataque, obrigou o Sporting a acanatar a sua defesa. Daqui resultou surgir em alguns erros dessa defesa, principalmente do lado direito, com impressionante nitidez. Mas Arsénio, o interior baldiço do Benfica, desperdiçou duas oportunidades...

Como que por encanto, o cenário mudou. Os leões, num abrir e fechar de olhos, passaram-se em vencedores. Com vantagem acentuada. Aos 20 minutos, de um salto de acrobata de Albano resultou uma bela combinação de ataque, que terminou com um goal (o 2.º) de Jesus Correia. Um minuto depois, um livre marcado por Barrosa transformou-se em mais um goal sportinguista (o 3.º), devido a cabeça colocada de Peyroteo.

Como é natural — foi o pânico nas hostes benfiquenses e a alegria no sector sportinguista. Deu-se o que se costuma dar em casos tais: Espírito Santo trocou com Jálilo, para depois voltar tudo à mesma.

Um livre indirecto dentro da área perigosa sportinguista e contra os leões, deu ao cena pitoresca: nem o beneficiado soube tirar proveito da situação, nem o atingido defender-se. Isto, em jogadores de primeiro plano, não deixa de ser curioso...

E tudo decorria no melhor dos mundos quando, aos 38 minutos, se deu o golpe de teatro. Peyroteo, irritado de tanta queilisa com Gaspar, deu-lhe um sóco violento, recebendo ordem de expulsão do arbitro, Vieira da Costa, após consulta deste aos juizes de linha.

Então — deixou de se jogar futebol. O Benfica, querendo ganhar ou reduzir a distância de qualquer maneira, e faltando-lhe a calma necessária para transformar em realidade os seus desejos! O Sporting, defendendo-se com tenacidade!

Mas tinha de ser. Já no prolongamento do tempo, em desconto de paragens forçadas e fora do jôgo, e quando o Sporting se via apenas com nove homens, por lesão de Jesus Correia, Francisco Ferreira, recolhendo uma cabeça oportuna de Espírito Santo, transformava o resultado em 2-3 para o Benfica, obrigando à realização de um terceiro encontro, partida de desempate, em campo neutro.

Para terminar, queremos fixar ainda a ideia de que, tendo o Benfica atacado mais, foi todavia o Sporting que deu, regra geral, sensação de ataque com mais perigo — Isto derivando em parte da multiplicidade de passagem por parte do Benfica, e da sobriedade de combinações no lado do Sporting.

O Olhanense dominao quasi sempre. É esta a imagem que se colhe a distância do que se passou em Olhão. Quasi sempre, porque as reacções dos setabalenses foram entusiásticas, não deixando de provocar perigo e emoção.

Mas o Olhanense está com mais fundo do que o seu adversário. O que, de resto, se provará já nos Arcos, em Setúbal. Compreende-se perfeitamente que os algarvios tenham jogado num plano de ataque, a que corresponde uma posição de defesa por parte do seu adversário, a coberto com duas bolas de vantagem.

Os goals do Olhanense foram conquistados por Salvador, o que não deixa de ser uma proeza de mérito, significando ainda que o team tem rematadores, e que, quando não marca um, marca outro.

Os grupos alinharam da seguinte maneira. Olhanense: Abraão, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Palmeiro. Vitória: Baptista, Montês, Armando, Pacheco, Figueiredo, Borrego, Passos, Nunes, Rodrigues. Rendas e Cardoso Pereira.

A arbitragem de Carlos Canato, no modelo de equipa — pois deslocaram-se a Olhão três juizes, com Oliveira Machado e Santos Marques.

Anteontem à noite, quando a nossa revista entrava na máquina, a Federação de Futebol devia estar a resolver sobre a disputa do jôgo de desempate Benfica-Sporting — que é possível já se encontrar «decidido» à hora a que Stadium começa a circular.

Os trinta anos do SPORT ALGÉS e DAFUNDO

As festas do aniversário do Algés e Dafundo tiveram este ano certa nota sentimental: a inauguração de duas lápidas. O facto prova eloquentemente que o interesse por uma agremiação depende bastante do amor que se lhe dedica e da história que conhecemos directamente. O programa das festas do Algés sofreu, sem dúvida, o reflexo da presença de Bessone Basto na direcção do clube. Quem lutou como ele para a situação magnífica para avaliar o que o

Algés deve em gratidão a muitos dos seus sócios.

O Estádio Náutico do clube, aquêle estádio que poderá parecer de pouco valor comparado com obras feitas pelo Estado, — é de valor extraordinário para as condições em que se realizou! Disse Bessone Basto que foi uma aventura... Talvez mereça a classificação, mas no que o termo contém de mais nobre. Quem meteu ombros à grandiosa construção não calculou, por certo, em que «aventura» se meteu... Houve muitas dificuldades a vencer!

Por isso mesmo, quem lançou a ideia, quem por ela se bateu com entusiasmo, quem procurou gente para dar corpo ao grande sonho — é quem melhor pode apreciar o que se deve, em gratidão e justiça, ao grupo que tornou possível a obra admirável que é a piscina do Algés — como piscina de clube que vive apenas das suas receitas.

Eugénio Picardo e Florêncio Ricardo Domingues

Se tomarmos como período de melhor ascensão do Algés o que vai da fundação até à construção da piscina, podemos afirmar que Bessone Basto tem o seu nome ligado a quasi tudo. Quando o Sport Algés e Dafundo appareceu, há trinta anos, não passava de um clube à procura de rumo. Bessone deu-lhe prestígio, rapidamente, em provas de natação. E deu-lho em cooperação com Eugénio Picardo. Bessone Basto elevou-se de pronto à categoria de grande campeão e teve em Eugénio Picardo um colaborador que não esqueceu ainda e que lhe fez embebergar de comoção a voz, há dias. Bessone nadava e Picardo acompanhava-o em corridas e nos treinos, de barco, por toda a parte, de cronografo na mão. Não sendo um técnico, era apontado como treinador do campeão. Aos dois deve o Algés um esforço precioso no principio da sua existência. Eugénio Picardo, tocado por doença grave, refugiou-se na Malveira e por lá se aguentou alguns anos. Morreu. Recordar o seu trabalho no Algés é um acto que dignifica Bessone e ennobrece o clube.

Outro vulto se distinguiu também no Algés: Florêncio Ricardo Domingues. Formou-se assim, de principio, um trio famoso na vida do clube. Bessone Basto, o campeão, colocou o Algés no primeiro plano dos clubes da especialidade. Eugénio Picardo era o homem da preparação e dos jurts. Florêncio — o «tio Florêncio» na intimidade do clube... — o homem da propaganda e dos discursos. Estava em toda a parte onde o clube precisasse de afirmar a sua existência.

O Algés teve então um ciclo de organizações que marcaram fase de relevo na própria natação. Depois de disputar todas as provas, começou a organizar-las. Vieram diferentes. A taça «Velloso Lima», no percurso de milha marítima. A taça «D. Margarida Pais», para senhoras. E outras, de menor repercussão. Vieram, também, novas sedes, cada vez mais

amplas. Este esforço teve a sua expressão mais brilhante na «Grande Travessia de Lisboa», iniciativa de Florêncio Ricardo Domingues.

Depois de afirmar o seu valor no rio, a seguir à essa excelente prova de propaganda que foi a «Grande Travessia»,



Bessone Basto



E. Picardo



V. Portugal



Aspectos exterior e interior do Estádio Náutico do S. A. D.



entre Kabreças e o enfiamento do pósto náutico do Algés, só faltava a piscina... Não se hesitou, porém. Florêncio e Bessone foram os homens da ideia. O sonho era grandioso. Agitaram-no e procuraram quem pudesse auxiliar financeiramente a iniciativa. Nunca desanimaram — e tiveram o prazer da vitória!

O Estádio Náutico de Algés

A lápida colocada no atrio da piscina lembra os nomes dos homens da comissão que promoveu e dirigiu a construção da piscina: José Cordeiro Júnior e Florêncio Ricardo Domingues, já falecidos, e João de Almeida Júnior, Viriato de Jesus Portugal, Augusto Fernandes Bagão e Abel Teixeira Gomes. Falta, no entanto, um nome — o de Bessone Basto. Foi o delegado da

direcção junto da comissão de obras. Não se pode desligar o nome de Bessone do grupo que ergueu a piscina. Tem de ser gravado lá, ainda que por outra direcção.

A cerimonia do lançamento da primeira pedra para a piscina efectuou-se em 5 de Maio de 1929. Evocamos essa cerimonia publicando a fotografia que ilustra este desfile de recordações. Lá está o desditoso Florêncio Ricardo Domingues a discursar. Entre outras figuras de relevo notam-se José Cordeiro Júnior, João de Almeida Júnior, dr. Lino Franco, que presidia à Federação Portuguesa de Natação, e Bessone Basto.

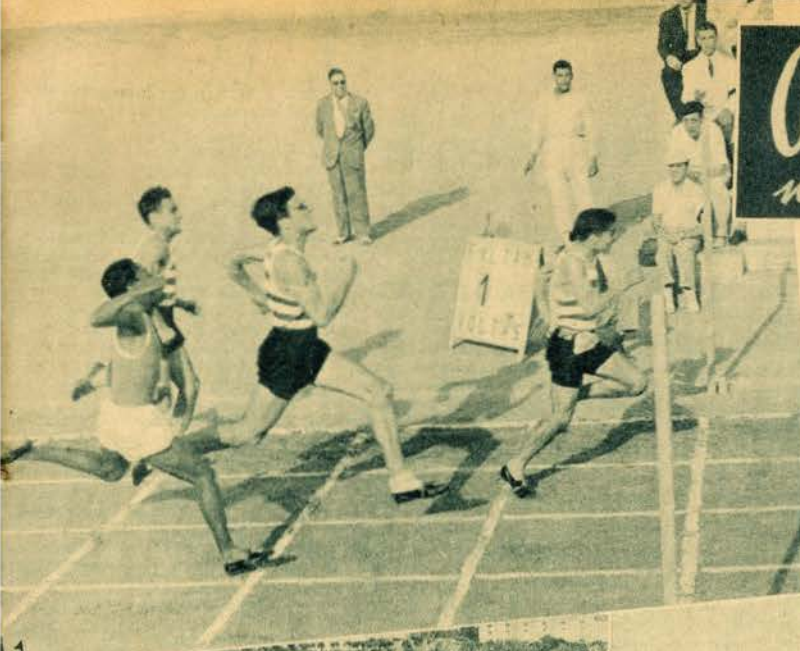
Nesta época, a Avenida dos Combatentes era pouco mais do que uma artéria em projecto e não havia senão uma ou duas casas... As obras fizeram-se com tal entusiasmo que a piscina pôde ser inaugurada pouco depois de um ano — em 15 de Julho de 1930 — com um festival. Recordá-lo-emos quando o espaço no-lo consentir.

Quem passar agora pelo Algés, de visita ou como sócio, deverá ler cuidadosamente as duas lápidas para conhecer alguns dos nomes dos homens que prestaram ao clube serviços notáveis, especialmente aqueles que tornaram possível a obra grandiosa que é o Estádio Náutico de Algés — o melhor da Península.

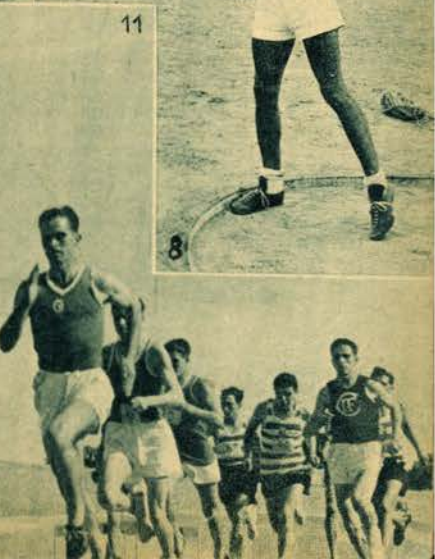


O lançamento da primeira pedra da piscina

Atletismo Superioridade de SPORTING nos regionais de "seniores"



1 — Núnzio (Sp.) vence nos 100 metros; 2 — Hedi Sá; 3 — Francelina Moita; 4 — Olga Ribeiro (Sp.) ganha os 60 metros; 5 — Almerinda Correia; 6 — chegada dos 150 metros senhoras; 7 — Elentério (Bf.) conquista os 200 metros; 8 — Pinto Basto (Cif) campeão do peso; 9 — Duíães (Sp.) vencedor do salto em altura; 10 — João S.lva (Bf.) ao cortar a meta nos 5.000 metros, seguido de Afonso Marques; 11 — Belo aspecto da prova dos 800 metros, já com Francisco Bastos no comando da corrida



A GRANDE VERDADE

À vista do Lisboa-Madrid os atletas da capital conseguiram excelentes resultados nos seus campeonatos

Os campeonatos regionais de seniores, disputados em três jornadas, durante a semana passada, foram francamente animadores ante as responsabilidades do próximo encontro com Madrid. As marcas, excepto nos lançamentos, acusam franca melhoria e o conjunto de participantes fez alarde de um valor médio muito além do habitual. A organização, boa sem reservas, completou o panorama agradável da competição, que teve público numeroso e entusiástico a presença-la.

Limitamo-nos, por agora, a este breve comentário geral, antecedendo as notas colhidas dia a dia para cada prova. Mais tarde, quando o espaço nos permitir mais largas referências, voltaremos ao acontecimento, que bem o merece.

1.ª jornada

LOUVOR: A organização; aos corredores João Silva e Afonso Marques e aos finalistas dos 400 metros; à preparação da pista e locais de concurso.

CRÍTICA: Aos lançadores de martelo pela demora em responder às repetidas chamadas de comparação; ao locutor, por anunciar resultados quando os atletas estão concentrados ou em posição de partida; ao juiz de partida pela anulação da partida na 1.ª eliminatória dos 150 m., senhoras.

Corrida de 400 metros — A final foi empolgante e mais seria se Jacinto houvesse tido confiança suficiente nos seus recursos; assim, apenas três dos quatro possíveis competidores entraram na luta para o primeiro lugar. Costa Pereira, o quinto participante, nunca esteve presente.

Venceu o homem melhor preparado, corredor com arcação de classe e que engana na sua frágil aparência. Esplêndida caixa torácica, energia a rodos, coração possante e absoluta descontração ao serviço de extraordinária velocidade muscular.

Com os seus 51,8 s., Artur Dias entra para o quinto lugar da escala dos melhores portugueses na distância (Peixoto 51,1 s.; Bastos 51,2 s.; Barreiros Gomes 51,4 s.; Matos Fernandes 51,7 s.) e José Vicente ocupará o 8.º, com 52,2 s.

Pelas suas condições físicas, pela sua excelente passada, considero o segundo com maiores possibilidades do que o primeiro e não me repugna acreditar que teria ganho a prova se não tivesse ficado deslumbrado pela realidade ao ver-se à frente de Matos Fernandes. Não se refez da surpresa quando viu o ataque avassalador do companheiro de equipa.

Matos Fernandes, o campeão destronado, não se apresentou em boa forma, mas também não em tanta crise como foi dito; a prova que a sua condição física era boa está em que foi logo de seguida participar no triplo-salto, prova que lhe não é habitual. O valoroso atleta benfiquista, que nunca conseguiu ser campeão nacional da distância, ganhou 4 vezes o título regional, sucessivamente em 52,2 s., 52,6 s., 51,8 s. e 52,5 s.; o tempo deste ano está, portanto, no limite das suas melhores capacidades.

João Jacinto, que se ressentia

ainda dos efeitos perniciosos de um grande choque moral, não acreditou em si e partiu demasiado lento; quando no final quis aproveitar os recursos em reserva, era demasiado tarde.

Corrida de 5000 metros — João Silva e Afonso Marques merecem ser englobados na mesma referência elogiosa. Há um ano já que afirmei estar ao alcance do campeão nacional o presente «record» de distância; acrescento agora que o mesmo é possível ao jovem rival e amigo, que foi o verdadeiro realizador da corrida, impondo desde as primeiras voltas andamento duro e nunca consentindo que abrandasse.

Quando, cerca dos três quilómetros, Silva tomou a cabeça do pelotão, Marques sentiu o perigo de um falso andamento que permitisse recolagens de adversários e retomou sem hesitação o seu pósto de guia. Os tempos destes dois corredores instalam-se na tabela nacional, logo a seguir ao «record» de Manuel Dias.

Agradou-nos também bastante a prova de Oliveira e Silva e o esforço final de Jaime Martins, que teria obtido melhor classificação se não cometesse o erro inicial de copiar a corrida de Pires de Almeida, trazando-se centenas de metros e apercebendo-se tarde do engano. Manuel Nogueira, com a energia e desportivismo de sempre — este é dos atletas que bem merece do atletismo português e cujo espírito impoluto de desportista é digno de homenagem — lançou-se decidido na batalha, mas sucumbiu muito naturalmente contra rivais que nem nos seus melhores tempos conseguiria superar.

Estafeta 4X100 metros — O Sporting ganhou bem e ganhou com avanço muito superior aos metros anunciados e que levam a presumir não ser exacta a diferença de dois décimos de segundo averbada ao Benfica. Nuncio foi o grande corredor da equipa, mas devemos considerar que a sua recuperação sobre Ferreira foi também consequência da diferença de metragem da curva interior, em que correu. Lourenço está ainda em má forma e cedeu nitidamente aos oitenta metros.

Eleutério e Paquete deixaram boa impressão.

Triplo-salto — Reaparecendo após a sua permanência nos Açores, João Vieira averbou uma vitória, que só lhe poderia ter sido disputada por Luis Alcide, se es-

tivesse presente e em forma. Mantém as suas invulgares condições de robustez articular, mas o arranjo dos pulos é ainda precário e a velocidade mal regulada. Auspicioso regresso, contudo.

Homero Reis voltou a afirmar as suas excepcionais qualidades naturais, mas nenhum aperfeiçoamento técnico. O primeiro pulo é demasiado comprido, com prejuízo evidente para o passo intermediário, que é insignificante.

Moniz Pereira, dos mais estudiosos atletas que praticam em Portugal, alcançou o seu melhor resultado, e tanto basta para que mereça parabéns.

Lançamento do martelo — A pior prova do programa. O júri foi demasiado complacente para com os lançadores, chamando-os em vão mais de dez vezes. E' mau sistema, tanto mais que todos eles estavam sentados na bancada, a conversar com os amigos. Parecer-nos que três apelos seriam suficientes, com eliminação imediata de quem não se apresentasse; tomando como medida geral este procedimento, acabar-se-ia com certeza com a intolerável indisciplina reinante nos atletas lisboetas.

Manuel da Silva desiludiu; desequilibrado, com mau ângulo de lançamento, lento e com errado movimento de pés, retrogradou, em vez de progredir. Fez os seis lançamentos sem despir o blusão de abafco, que certamente lhe prendia e dificultava os movimentos dos braços. Erro do lançador e falta de visão do técnico responsável.

Bustorff Ferro é muito melhor estilista, mas não está em forma nem tem o poder do rival. Ruivo limitou-se a atirar o martelo, mas pode vir a ser um lançador, e paciência nunca, com certeza, tinha pegado no aparelho. Não se concebe a sua presença na prova — a não ser para alcançar dois pontos — e no lugar do juiz árbitro eu tê-lo-ia desclassificado por incompetência para uma prova séria de campeonato.

Provas femininas — O Sporting foi o único concorrente a recrutar novas adeptas e, entre elas, a triunfadora da jornada, Hedi Sá, muito habilidosa e com preparação ginástica muito superior à das restantes concorrentes.

Venceu com autoridade, nos 150 metros, uma Olga Ribeiro distante da forma apurada do ano passado, e deu prova de boas possibilidades no salto em altura, cujo máximo tentou em vão.

Houve na condução da sua prova um desliz comprometedor de orientação: transposto 1,30 m., elevaram a barra logo para 1,40m., destruindo o ritmo progressivo do esforço e impedindo que a saltadora desse a verdadeira medida do seu valor. O estilo de rolamento que emprega não está ainda perfeito, com a deficiência comum a todos os saltadores sportinguistas de não concluir o rola-

mento e antecipar a passagem da perna inferior à da perna superior.

2.ª jornada

LOUVOR: A Olga Ribeiro, pela energia e decisão com que terminou a prova de barreiras depois da queda, que teria desanimado muitos homens; a Matos Fernandes, Francisco Bastos e Manuel Nuncio; a Sebastião Camões, pela sua auspiciosa estreia; ao público, pela sua presença e entusiasmo; ao veterano Alfredo Silveira, pelo seu exemplar desportivismo.

CRÍTICA: A comissão técnica, porque à hora de começarem as provas andava a medir a pista e colocar as barreiras; ao membro do júri encarregado das informações, pela insuficiência e erros que cometeu; a Eugénio Eleutério, pela sua useira e vezeira instabilidade nas covas; ao director de campo pela falta da corda no mastro de honra.

400 metros barreiras — A famigerada tática dos pontos provocou concorrência nunca vista, que obrigou a meias-finais para eliminar «especialistas» que saltavam obstáculos a pés juntos. Um só especialista autêntico na pista: Matos Fernandes, longe da forma de há um ano, mas bom, com neste caso é mais significativo do que o «melhor».

O estreante Inácio, um júnior, houve-se com galhardia e foi, dos novos, o único que justificou a presença na pista.

Um abraço ao veterano Silveira, pelo seu amor ao atletismo, bem digno de uma consagração pública.

Salto à vara — A prova foi fraca. Mário Lemos, em crise, não transpôs o mínimo, o mesmo sucedendo a Matos; dois concorrentes ficaram em três metros, um nos três metros e dez, e apenas os dois Vieira transpuseram altura aceitável em campeonato.

Santos Vieira, nitidamente melhor do que o camarada, não progrediu nem deve ter treinado; Martins Vieira, péssimo sobre a barra, desiludiu.

1500 metros — Concorrência abundante e justificada, visto o sexto classificado ficar dentro dos 4 m. 25 s., resultado de conjunto que deve ser inédito em Portugal.

Francisco Bastos reapareceu em excelente forma, ganhou como e quando quis, apesar da decidida réplica de João Silva. O campeão pareceu capaz de ultrapassar o já velho limite do seu «record» nacional. A última volta do seu percurso foi impressionante de autoridade. Bela perspectiva para o próximo duelo com o madrilenho Pettinto.

Pires de Almeida nunca apareceu na prova; limitou o seu esforço a garantir a chefia do segundo pelotão. Américo Pinto, Jaime Martins (que voltou a partir lento) e Afonso Marques proclamaram os direitos da mocidade.

100 metros — Aqui a tática dos pontos reduziu a seis as presenças; duas eliminatórias — para eliminar um homem.

Na primeira série, houve bronca e com razão; o juiz de partida, decididamente infeliz com os cem metros (fabricou na época passada dois campeões), deixou fugir Eleutério para não o excluir por dupla falsa partida. Complacência

(Continua na página 11)

O DESPORTO DO REMO

ma, na cidade de Viana do Castelo, em fins de Julho ou talvez começos de Agosto.

Neste momento, tôdas as indicações nos levam a poder afirmar que, não só os clubes filiados da província, como principalmente os de Lisboa, trabalham com entusiasmo as suas equipas. O elevado número de inscrições verificado nas diversas regatas já

apreciado pelo sr. comandante SOARES DE OLIVEIRA, presidente da Federação Portuguesa de Remo

Este quasi, para aquêles que, como nós, na Federação, dificilmente se dão por satisfeitos, provém da falta de uma técnica de remada mais perfeita, que só o trabalho persistente dos nossos seniores — aos quais, diga-se em abono da verdade, não faltam instrutores e treinadores competentes — permitirá alcançar, para impormos uma classe que deve estar em paralelo com as tradições de um país de marinheiros.

Atribuir-se, em grande parte, a importantes concessões do meio oficial, sendo justo salientar o favorável acolhimento que a maior parte das pretensões dos clubes merecem das entidades do Estado. O seu apoio está manifestamente em evidência através de subsídios e facilidades; ora são as Câmaras Municipais ofertando embarcações, ora a Brigada Naval solucionando as dificuldades dos clubes, ou ainda atendendo às prementes necessidades do nosso desporto — que tem tanto de rico nas suas virtudes e funções como de pobre na escassez de recursos próprios e do chamado apoio do grande público. Por a sua prática ser muito dispendiosa, pelas exigências naturais requeridas aos seus executantes e pelas poucas atracções concedidas ao espectador impaciente, o remo não pode competir, em popularidade, com outras modalidades, como, por exemplo, o futebol.

Mas a par dos auxílios valiosos e directos, já citados, é através da «Mocidade Portuguesa» que o remo vai divulgando as suas belas virtudes e salutareos resultados. É ali, onde toda a juventude, sem ter as preocupações de dispendios incompatíveis, começa a adquirir o gosto pela prática deste desporto. Sementeira prolifera, cujos frutos, já bem patentes, oferecem esperança numa magnífica seara representada por novas falanges de disciplinados e hábeis remadores.

A Pista Nacional de Remo e as instalações dos nossos clubes náuticos

O desporto náutico em Portugal, na sua fase de grande desenvolvimento, e recebendo dia a dia o precioso impulso dos novos entusiasmos que se lhe apresentam, oferece-nos um «caso» de importância especial. No momento em que o remo está a impor-se pelo interesse que desperta, não só entre os seus praticantes como num público desportivo que já vai aparecendo à beira-rio, o problema das instalações náuticas e de uma pista de remo toma aspectos de grande acuidade.

Abordámos o assunto. E diz-nos o sr. comandante Soares de Oliveira:

— Não é de hoje que um dos principais assuntos que temos de

solucionar — problema de primordial importância para a Federação — está na carência de uma pista em condições para corridas regulares de remo.

«É uma necessidade indispensável. Após a construção do nosso monumental estádio nacional, onde estiveram presentes os nossos desportistas náuticos, marcando o seu aprumo no desfile inaugural, vimos já que, pelas esferas competentes, se estudam, executam e ultimam outras construções complementares e adequadas.

«Ainda recentemente se concluíram magníficas instalações para o «tennis», e prosseguindo na mesma superior orientação estamos certos de ver chegar o dia em que se resolva o problema da «PISTA NACIONAL DE REMO», onde não só possamos correr convenientemente os campeonatos nacionais, mas sobretudo receber condignamente boas tripulações estrangeiras.

«Seria resolver incompletamente o caso do remo nacional se fôssem desatendidas outras causas que impedem um desenvolvimento rápido e mais acentuados progressos. Está, neste campo, as instalações próprias da maioria dos nossos clubes filiados: impróprias por falta de locais acessíveis, de instalações adequadas, de espaço suficiente mesmo ao seu carácter provisoriamente definitivo — o que, sendo paradoxal, é no entanto uma verdade. Colectividades de ricas tradições, de belo e esplendoroso passado, de constantes esforços, estão existindo, ou, melhor, subsistindo ainda numa franciscana pobreza de instalações, de sedes e de postos.

«Perante o estrangeiro, e para tanto basta só pôr o pé na vizinha Espanha, neste capítulo a nossa vergonhosa situação não carece de quaisquer comentários.

«As obras portuárias do nosso litoral, umas que se executam já, outras que se anunciam próximas, certamente encerrarão esta deficiência, inclusivé como factor do seu embelezamento, tal como em Setúbal, excepcionalmente, sucede com o Clube Naval local, que, pelo menos, se encontra modernamente instalado, sem desdouro para a cidade do Sado.

«Pela dedução de alguns argumentos expostos, concluíremos que certas camadas desportivas estão sendo atraídas para o remo, não obstante a falta de completas, cómodas e centrais instalações dos clubes. Quando estes inconvenientes forem supridos, quando certo bem estar, economia de tempo e de dinheiro forem proporcionados aos jovens adeptos, teremos afastado um grande obstáculo, chamaremos numeroso público e pouparemos a «arrolice» infatigável dos nossos amadores, a quem o remo tudo deve.

(Continua na página 15)

O desporto do remo volta a apresentar-se sob os melhores auspícios. Oxalá que o decorrer da época nos leve a poder fazer os comentários agradáveis que, por enquanto, merece. Até aqui, o movimento do remo aparece bem cadenciado, demonstrando boa vontade em acertar a remada... As regatas do calendário têm sido disputadas em bom ambiente — permitindo observar cuidados de organização que devem pôr-se em relevo, especialmente no aspecto de propaganda das provas efectuadas e da agradável expectativa de boa animação para as restantes do ano. Nos nossos clubes náuticos que mantêm a especialidade do remo, trabalha-se com interesse. Eis a conclusão a que chegámos ao fim das primeiras provas de remo deste ano.

Sentindo este ambiente, parecemos oportuno ouvir as opiniões da Federação Portuguesa de Remo. E a entrevista permite-nos que divulguemos as considerações sugeridas em fase do movimento da presente época e de alguns aspectos que interessam especialmente no sentido de se conseguir melhor actividade. Ao mesmo tempo, podemos dar aos nossos leitores e aos adeptos do remo algumas informações de interesse. Valiosas informações, porque são-nos transmitidas pelo senhor comandante Soares de Oliveira, uma figura bem conhecida e apreciada dos desportistas náuticos, um oficial distintíssimo da nossa Marinha de Guerra — e que é um magnífico e inteligente orientador dos desportos náuticos.

O desporto do mar deve-lhe imenso nos últimos tempos. Na «Mocidade Portuguesa» — que tanto tem contribuído para o regresso ao mar dos jovens portugueses — e agora na presidência da Federação Portuguesa de Remo, o nome do sr. comandante Soares de Oliveira surge-nos aureolado por justo prestígio pessoal e pela certeza que todos nós — os dedicados aos desportos náuticos — lhe votamos, crentes de que muito vai beneficiar a modalidade, contando com a firmeza do seu pulso, na manobra em que estará como o melhor dos timoneiros.

A actividade do remo nacional. — O III Portugal-Espanha

Na troca de impressões que amavelmente nos permitiu o senhor comandante Soares de Oliveira, procurámos primeiro saber da actividade do remo nacional e alguns dos pensamentos a que se vai dar realidade — se tudo correr pelo melhor, como se espera...

A actividade do desporto do remo, nesta ocasião em que a modalidade realiza, nas 3 regiões — norte, centro e sul — os seus campeonatos, que abrangem os meses de maio e junho, está em plena curva ascensional. A preparação das diversas tripulações em treino orienta-se segundo a melhor forma das equipas que se apresentam nos campeonatos nacionais, disputados este ano no dia 7 de Julho, na Figueira da Foz.

Pelos resultados destes campeonatos, sobretudo das classificações dos seniores em «out-riggers» de 4 e 8, vai a Federação observar atentamente o valor dos possíveis representantes do País no próximo Torneio Ibérico, que, sob a designação do III Portugal-Espanha, se levará a efeito no formoso Li-



Comandante Soares de Oliveira

efectuadas é um índice seguro do entusiasmo entre os adeptos do remo.

— E encontra o remo ambiente entre desportistas?

— É, sem sombra de dúvida, nos novos elementos que o remo encontra um ambiente esplêndido, apesar das dificuldades que estes ali vão deffrontar. Contou sempre a Federação, e confiará também de futuro, na dedicação sem limites dos associados de valor, dentro das colectividades federadas, para que a expansão do remo atinja o nosso desiderato: êles são os primeiros a dar o exemplo do melhor espírito desportivo, com isenção que nem todos sabem avaliar, arrostando com inúmeros sacrifícios para fazer vingar uma causa que luta por si própria, sabendo impor-se pelos princípios que a regem, sucessivamente mantidos por tôdas as comissões dirigentes da Federação.

O desenvolvimento e a expansão do remo português e os valiosos auxílios que tem recebido

Sem dúvida que o remo nacional tem acusado nos últimos tempos melhor desenvolvimento, melhor entusiasmo. Sobre este aspecto, o nosso distinto entrevistado dá-nos a sua opinião:

— O desenvolvimento do remo português, traduzido pelo maior número de remadores que comparecem às provas e pela crescente quantidade de embarcações de corrida, é quasi satisfatório.

NO ULTIMO DOMINGO DE FUTEBOL...

... O **BENFICA** GANHOU PELA SEGUNDA VEZ O CAMPEONATO NACIONAL DE JUNIORES E FICOU AINDA POR APURAR UM FINALISTA DA TAÇA DE PORTUGAL



Rosa lança-se aos pés de Ismael, que ultrapassa a defesa «encarnada»



Curiosa atitude e máscara de Júlio perante uma defesa de Azevedo



Os campeões ao ataque



As felicitações do sr. director geral de Desportos



Apesar da oposição de Teixeira, Azevedo salta à bola para a «blocar». Marques, Cardoso e Júlio ocorrem no lance



Payroteo marca o 1.º «goal» do Sporting

Espírito Santo, de cabeça, coloca o marcador em 1-1



Outra intervenção do guarda-rédes do «team» de Espinho



EMOLHÃO: O regosio pelo «goal» que levou os algarvios à final da Taça



Em baixo, da esq. para a direita: Três defesas do guarda-rédes setense em lances nos quais intervevem sucessivamente Cabrita, Pacheco, e Salvador; Palmeiro, de novissímbria e Pacheco; e ainda Pacto e Palmeiro



Fase junto da grande Area de Espinho



Um incrível centro do extremo-direito benfiquense



NOVAS VITÓRIAS EM MADRID

Reimão Nogueira e Guedes Campos vencedores no último dia

TERMINARAM as provas do Grande Concurso Hípico Internacional de Madrid, às quais fizemos referência no último número, com excepção para a «Prueba Ganadores», que se disputou no dia em que a nossa revista era apregoada nas ruas.

Esta prova, uma das mais importantes do concurso, na qual se inscreveram os cinco melhores classificados das provas anteriores e os dez primeiros do «Grande Prémio», trouxe para a equipa de Portugal mais um



Cap. REIMÃO NOGUEIRA

grande triunfo. Nela se obtiveram, com incedível brilho, o 1.º, 2.º e 4.º lugares.

A honra da vitória coube desta vez ao capitão Reimão Nogueira, que conquistou também o 2.º posto da classificação, saltando nas últimas «barragens» 2 metros com o «Xerez» e 1,95 m. com o «Congo».

Com a sua excelente actuação no final do Concurso, Reimão Nogueira tornou-se o segundo dos nossos representantes, conquistando à sua parte oito prémios (1.º, 2.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º e 17.º).

O capitão Correia Barrento, vencedor da «Taça do Exército Espanhol» e da «Regularidade», que se habituara a figurar sempre entre os cinco primeiros de todas as provas, não fugiu à regra e obteve ainda o 4.º lugar da «Gañadores», com o «Outão» e o «Zuari», elevando assim para 14 o número de classificações conseguidas em Madrid. Não esqueçamos que entre estas obteve algumas de grande valor (1.º, 1.º, 3.º, 4.º, 4.º, 4.º, 5.º e 5.º).

A fechar o programa do Concurso disputou-se a prova de «Parellhas Mistas», ganha com brilho pelo capitão Guedes Campos e por «Miss» Torr, montando respectivamente «Outão» e «Panamá».

Este concursista melhorou assim a sua posição, na qual se reflectiu a doença impertinente do «Raso», um dos melhores cavalos que levámos a Madrid.

O alferes Henrique Calado man-

teve o número de prémios referidos no nosso número anterior.

Foi notável, debaixo de todos os pontos de vista, a actuação dos cavaleiros portugueses, que, apesar de não poderem contar com dois cavalos («Raso» e «Gaza»), arrancaram, no mais importante Concurso da Península, trinta e três classificações, com quatro 1.ºs prémios.

Todos corresponderam amplamente à confiança que nêles depositou o major Ivens Ferraz, seleccionador e chefe da equipa nacional. Usando de novos métodos — não teve de que se arrender.

Vitórias Portuguesas em Badajoz.

Decorreram com animação as provas do Concurso Hípico de Badajoz, às quais concorreram alguns oficiais portugueses, que alcançaram excelentes classificações.

O alferes Miguel Caldeira ganhou as provas «Guarnicion» e «Regularidade», montando o cavalo «Beduino». Nesta última prova conseguiram ainda os cavaleiros portugueses o 3.º, 4.º, 5.º, 7.º e 9.º lugares, e no «Percurso de Caça» nove classificações, entre as quais o 4.º prémio, obtido pelo marqués do Funchal, na «Bonita».

No último dia o tenente Trinité Rosa conquistou o 1.º lugar da primeira prova disputada e o major marqués do Funchal o 2.º do «Grande Prémio», isto além de mais nove classificações obtidas pelos cavaleiros portugueses que tomaram parte no Concurso.

A «Taça Governador Givil de Badajoz» foi atribuída ao alferes Miguel Caldeira.

CICLISMO — No Circuito Distrital da F. N. A. T. triunfaram Tavares da Silva, M. Coelho e T. Rodrigues

A F. N. A. T. teve no domingo a sua primeira prova de ciclismo — o Circuito Distrital — posta de pé com o mesmo carinho que é vulgar notar-se em todas as suas iniciativas.

O percurso, embora difícil e com troços de mau piso, estava bem sinalizado.

No entanto, talvez seja de aconselhar para futuras provas caminhos mais fáceis.

Foi criteriosa a selecção de corredores, escalonando-os em três categorias consoante o seu valor, mas permitia-se, a juzada mente, que corressesem juntos, afim de os mais novos poderem avaliarem das suas possibilidades em relação a homens de classe firmada.

Na categoria principal, onde foram englobados os amadores da A. C. Sul, o triunfo pertenceu com justiça a Tavares da Silva, que correu pelos C. T. T., seguido de Amândio.

O benfiquista Martins Coelho, alinhando pela «Portucale», venceu em segundas categorias, à frente de Pereira Simões e Porfirio dos Santos; em terceiras categorias chegou em vencedor Silvino Rodrigues, seguido de António Fernandes.

Os trinta anos do ALGES E DAFUNDO

BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 19 de Junho

A direcção do Alges procurou — e muito bem — movimentar, durante a última semana, todas as modalidades que se praticam presentemente dentro do clube. Apenas a vela ficou inactiva, porque a Federação não cedeu a data requerida para as regatas.

O «tennis» teve uma jornada interessante com a realização do festival a que deu a sua colaboração uma equipa da «Mocidade Portuguesa».

Não queremos deixar de aludir ao significado da homenagem, a todos os títulos tocante, do Alges, dando ao seu «court» o nome de Eugénio dos Santos, desportista do melhor quilate, que a morte arrebatou cedo.

O recinto de «basket» do Alges registou boa assistência na noite em que recebeu a equipa dos *encarnados*.

Desta vez, a vitória coube ao Benfica, que conquistou assim a taça «Manuel Viana Dias» — outra homenagem digna de elogio.

As comemorações terminaram no domingo com um novo festival inter-sócios, que teve a solenizá-lo a presença do ilustre director geral dos Desportos, tenente-coronel Sacramento Monteiro, acompanhado do inspector dr. Ayala Boto.

Foi perante estas individualidades que desfilaram os atletas do Sport Alges e Dafundo. Verdadeira parada de forças da prestante colectividade, afirmação eloquente do seu labor incessante, sobremaneira útil.

Depois as provas, que interessam, vistas no seu conjunto, como demonstração indiscutível de trabalho sério e em profundidade.

Vitórias colectivas dos C. T. T. da «Portucale» e das Oficinas de Material de Engenharia.

Sensacionais corridas nocturnas, amanhã, no Estádio do Lumiar

Uma inovação irá, a partir de amanhã, proporcionar benefício valioso ao ciclismo de competição. Trata-se da iluminação da pista do Lumiar, que permitirá a organização de festivais nocturnos, numa tentativa, sem dívida arrojada, do Sporting e do G. D. Iluminante.

O primeiro festival, — que constituirá o prologo de uma série de grandes competições internacionais, efectua-se já amanhã, às 21-45, com as seguintes provas:

Eliminação, para iniciados, critério de 30 voltas, para amadores, e 1 hora à americana para independentes. Programa elaborado de maneira a não fatigar o público com provas longas, renadirá as seguintes equipas de independentes:

Lourenço-Aristides; Lopes-Jorge Pereira; Inácio-Mourão; José Jacinto-Manuel Rocho; Aristides Paulo-Tavares da Silva; José Ferreira-Tálio; Baltasar Rocha-Pais Cabral; e António Jacinto-Pinto Ribeiro.

PRIMEIRA corrida nocturna da época, com fraca concorrência, porque o tempo não convidava e os preços ainda menos. Longe de nós a ideia de nos imiscuirmos no problema grave da exploração comercial da nossa primeira praça. Aos olhos de qualquer leigo, como nós, se revelam bem patentes o peso dos encargos e a pouca defesa que oferece uma praça de lotação exígua e captiva numa parte muito apreciável. O público habituou-se a cartazes de sensação, cuja carestia se torna ainda mais notória se considerarmos os actualis preços elevadíssimos dos bilhetes em praças espanholas, com lotações duplas e triplos da do Campo Pequeno.

Desconhecemos as obrigações impostas à Empresa pelos seus compromissos com toureiros espanhóis e mexicanos, mas de qualquer forma parece-nos exagerada a inclusão de três matadores no mesmo cartaz. Um simples *mano-a-mano* constituiria suficiente atractivo para o público «neo-aficionado», podendo o espectáculo ser completado com a lide de quatro toiros à portuguesa, para os velhos amadores do género apreciarem também a competência entre dois cavaleiros e para se evitar a repetição do caso registado na noite de 19, em que o único *caballero en plaza*, António Luís Lopes, colhido logo de saída, contra as tabuas, pelo primeiro toiro, recolheu à enfermaria para não reaparecer. Foi voluntariamente substituído no quinto por seu filho Alberto, que o procurou com diligência, embora com alguma precipitação, logrando eravar um feroz largo e dois curtos.

E cedo para se formular um juízo exacto dos resultados da cruz de toiros da antiga e temida «vacada» de Palha com rezes de outras procedências. A corrida de 19 foi desigual no referente a condições de lide.

Ricardo Tórrès, toureiro mexicano já conhecido do nosso público, esteve valente e voluntarioso, embora dominado por uma preocupação de emocionar — mais própria de novilheiro à procura de «cartels». O seu trabalho, de que ha a destacar lances de capote e passes de muleta cingidos e «templados», pecou por desgastado e precipitado. Bandarilhou com mais vontade do que luzimento dois toiros que investiam mal.

António Velasquez, precedido da aureola de detentor da *oreja de oro* mexicana, nada fez que nos habilite a emitir um juízo sobre os seus méritos artísticos, de que aliás não ousamos duvidar.

António Bienvenida teve incontestavelmente as honras da noite. Sempre bem colocado, officiu «ex-cathedra» de autentico director de lide. Toureou bem de capote, bregou incansável e acertadamente, deu ao seu primeiro uma lide inteligente em terreno das tabuas e luziu-se com a muleta no sétimo, realizando em dois tempos uma *faena* alegre e repousada, de boa escola sevilhana e em que introduziu uma *manolelina* cingida e emocionantes.

J. E.

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

A quebra das negociações para trazer a Lisboa a equipa de futebol do Barcelona foi o assunto mais discutido da semana passada e deu origem a múltiplas hipóteses, formuladas todas com grande dose de fantasia e susceptíveis, algumas, de induzir o espírito público em desagradáveis conclusões.

O procedimento do clube catalão, que agiu — é bom que se saiba — em completa independência, merece censura pelo que traz de falta de respeito pelos contratos já firmados e, mais ainda, por antigas dívidas a saldar.

Pode assegurar-se que o pretexto apresentado pelo Barcelona para se esquivar à retribuição da visita que há cinco anos deve ao Benfica, tem como único verdadeiro fundamento a impossibilidade ante a qual se encontrou de celebrar outros encontros que lhe trouxessem compensação monetária à longa deslocação. Recusada superiormente em Portugal a licença para o jogo com o Sporting e informado pelo F. C. do Porto de que ficava também sem efeito o projectado encontro, em virtude da interdição do campo do Lima, o Barcelona esqueceu deveres e amizades para pensar apenas no mau negócio que fazia — e recorreu a subterfúgios, não correspondentes à verdade, para não vir de longada até Lisboa.

Todas as intervenções posteriores foram inúteis, porque o campeão de Espanha alegou compromissos antecipados para as novas datas propostas, olvidando em absoluto o outro compromisso, mais antigo ainda, com o clube português, e no qual, parece-nos, devia considerar empenhada a sua dignidade desportiva e a sua lealdade.

NO ESTRANGEIRO

Os dirigentes do basket espanhol ficaram algo embaraçados com a justificada recusa da nossa Federação internacional que lhe era imposto em precipitadas condições dogmáticas, para local, dia e hora fixados sem sua prévia consulta e a curto prazo de realização. Os organismos nacionais fizeram ver aos federalivos vizinhos o erro em que haviam incorrido, tomando uma autoridade onde havia apenas motivo para desejo de acordo, e aqueles, ante uma realidade que lhes desafiava ilusões, diligenciaram explicar o seu abuso disfarçando-o sob o aspecto de uma esquia portuguesa.

No jornal «*Marca*», o seleccionador nacional espanhol declara que os portugueses «*não parecem muito dispostos a medir forças conosco e pretendem começar por encontros inter-regionais ou clubistas, que não comprometam o nome do desporto nacional.*»

Estes senhores dirigentes apregoam com lamentável levandade coisas que sabem não ser verdadeiras e a nossa Federação deveria esclarecer o assunto, de maneira a demonstrar, ante todas as opiniões públicas interessadas, que houve apenas uma exorbitação de autoridade por parte da Federação espanhola, a qual, sem quaisquer negociações ou entendimentos prévios, se julgou no direito de impor uma decisão a poucas semanas de distância e sem haver tido sequer a cortesia de perguntar se as condições e circunstâncias convinham ou não à sua congénere portuguesa.

A igualdade de posições é a primeira condição para qualquer acordo internacional.

A GRANDE VERDADE

(Continuação da página 6)

inútil, porque foi obrigado a fazê-lo na final, ante a indesculpável insistência do corredor, digno, pelo seu procedimento, de áspera censura. Reconhecemos ao benfiquista excelentes qualidades de velocidade e preparavamo-nos para assistir com regalo à sua luta com Nuncio; mas o domínio próprio e, vá lá, também o respeito pela lei desportiva, que ele voluntariamente menospreza, são virtudes indispensáveis em quem pretende ser campeão.

Manuel Nuncio, rapidíssimo de principio a fim, alcançou um tempo que o consagra; era com certeza o melhor na pista.

Sebastião Camões, estreante na categoria, provou a sua classe excepcional; lento ainda a partir, domina todos os adversários a partir dos oitenta metros. É um futuro grande corredor de 200 e 400 metros.

Agradou-nos também o pequeno Paquete; muito veloz, falta-lhe peso para a final da prova.

Lançamento do dardo — A mesma tristeza de sempre. Rodrigues, Macedo, Paciência. Trigo de Lima, concorrentes com assinatura na prova e cujos progressos se contam agora para trás. É a nossa pior especialidade atlética.

Provas femininas — Francelina Moita atirou o dardo — melhor do que os homens — muito próximo do seu «*record*»; Olga Ribeiro dava a impressão de excelente resultado quando caiu na penúltima barreira — queda grave, de que se levantou com a vontade suficiente para ainda ganhar; a mesma Olga e Hedi Sá fizeram bons saltos em comprimento, que a primeira, ferida num joelho e contundida pelo trambolhão, perdeu por cinco milímetros! E mais nada houve.

3.ª Jornada

LOUVOR: A Álvaro Dias é a equipa de 4 X 400 metros do Sporting, pelos seus novos «*records*»; ao atletismo lisboeta, dirigentes, orientadores e praticantes, pelo êxito dos campeonatos.

CRÍTICA: Ao desconhecimento absoluto da técnica de corrida de obstáculos por parte dos corredores.

110 m. Barreiras — Apenas quatro corredores, um deles eliminado por duas falsas partidas, a primeira de atribuição duvidosa; no entanto, foi com certeza prevenido pelo juiz, o que não desculpa o segundo descuido.

Os três que correram fizeram boas provas, com apreciáveis estilo e ritmo. Ferreira foi o mais rápido desde o início, e por isso ganhou, mas o tempo foi fraco.

Lançamento do peso — A vitó-

ria de Pinto Basto foi merecida e é de aplaudir; melhor estilo e melhor penetração do exercício. Ruivo continua precipitado; entra no círculo e despacha o lançamento.

200 metros — Eleutério venceu bem e no seu melhor tempo, mas é de lastimar a hesitação de Nuncio logo após a saída, quando julgou que o chamavam por falsa partida (corria na pista cinco e não via portanto o que se passava atrás). Qualquer dos dois está no melhor da sua forma.

Camões, na frente até aos cem metros, cedeu no final porque lhe falta preparação para tão longa distância. Auspiciosa participação de Mendes.

800 metros — Bastos mostrou grande superioridade, tanto maior quanto a verdade é que Vicente não conseguiu inquietá-lo. Os restantes limitaram-se a garantir o lugar, pois o Sporting assegurou-se, desde a partida, de absoluta vantagem.

José Vicente deu nova prova da sua boa classe e, apesar de haver corrido como inexperiente que é, conseguiu um tempo que vai ocupar o terceiro posto na tabela portuguesa (2 m. 0 s. e 5/10). A luta entre Bastos, Vicente e o representante dos madrilenos vai ser espectáculo de preferência.

Salto em altura — A grande desilusão. Matos Fernandes foi eliminado a 1,65 m., o que não se explica num homem da sua classe.

João Durães melhorou de estilo e Sousa Dias fez ótima prova, com o seu melhor resultado.

A notar que sete saltadores transpuseram o metro e setenta, o que é excelente média para a nossa categoria.

Lançamento do disco — Fracos resultados, progressos nulos e ausência completa de novas possibilidades. Os nossos lançadores, nos quatro exercícios, baixaram de nível em relação ao ano passado.

Salto em comprimento — Álvaro Dias melhorou o seu máximo nacional e ficou a um centímetro dos sete metros. Uma vez será...

Boas marcas de Luís Alcide e Homero Reis, com referência favorável ainda para João Vieira e Moniz Pereira.

Estafeta 4 x 400 m. — O quarteto sportingista derrubou o «*record*» nacional, mas pode fazer muito melhor. Jacinto foi creditado no melhor tempo.

Provas femininas — Resultado fraquíssimo no disco, cuja vencedora foi Francelina Moita, com estilo razoável, mas sem chicotada final, e luta cerrada entre Olga e Hedi nos 60 metros, que a primeira ganhou graças à melhor partida.

SALAZAR CARREIRA

DE COIMBRA

Os amigos da Académica

EM mais de uma oportunidade, abordámos, aqui, um assunto de palpitante interesse para a Associação Académica de Coimbra — a cooperação de todos os estudantes que passaram alguma vez por Coimbra, a favor daquela agremiação. Dissemos, então, com fundamento em sinceras amizades que perduram em alguns elementos de relevo na «*Stadium*», que isso era absolutamente indispensável. A Associação Académica de Coimbra, em toda a sua obra, na amplitude de uma acção que se estende a vários sectores, precisava cada vez mais de um ambiente de carinho e solidariedade, na sua expressão mais nobre, para vencer a crise em que se debate há mais de um ano. É essa situação não se modificou ainda.

Vêm estas considerações a propósito da fundação do Grupo de Amigos da Associação Académica de Coimbra. A simpatia, larga e vibrante, que o clube académico tem merecido sempre entre os

estudantes que passaram pelo velho burgo universitário, encontrou, afinal, o seu órgão representativo.

A organização, qualquer que ela seja, quando corresponde a um movimento de opinião, é uma condição de triunfo. Oxalá que vá por diante tão simpática iniciativa.

Voltamos por isso a afirmar que a Associação Académica de Coimbra tem de sair desta crise, da crise em que se debate no futebol, por um movimento de simpatia, que seja ao mesmo tempo ponto de apoio — e fonte de estímulo. Mas agora há um meio fácil de assegurar essa simpatia. Quem estudou alguma vez em Coimbra, quem passou pelo velho burgo universitário, não pode nem tem o direito de hesitar ou fugir ao cumprimento de um dever. Tem de se filiar, e tem de ser elemento activo na Liga dos Amigos da Académica. E quanto mais cedo, melhor.

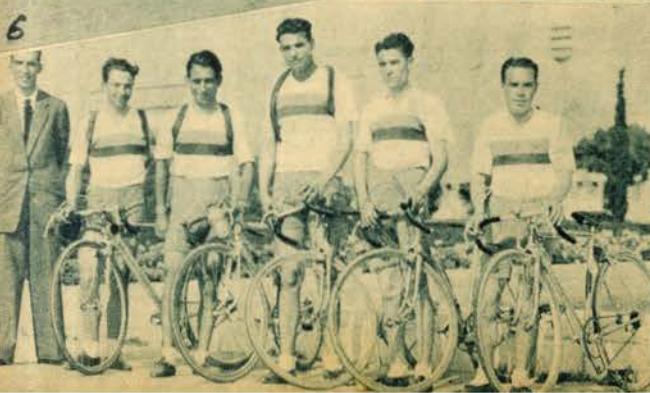
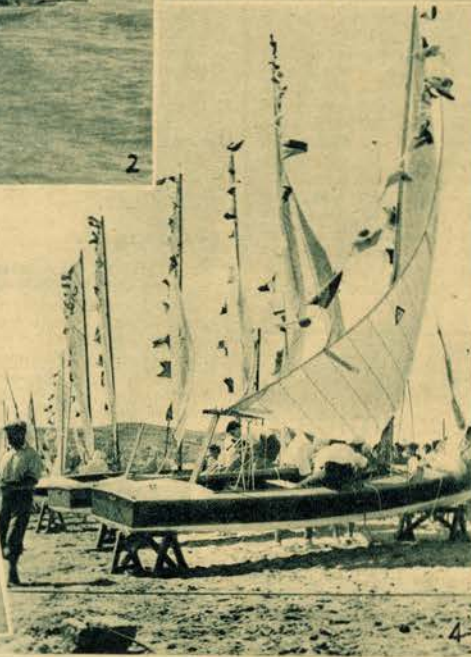
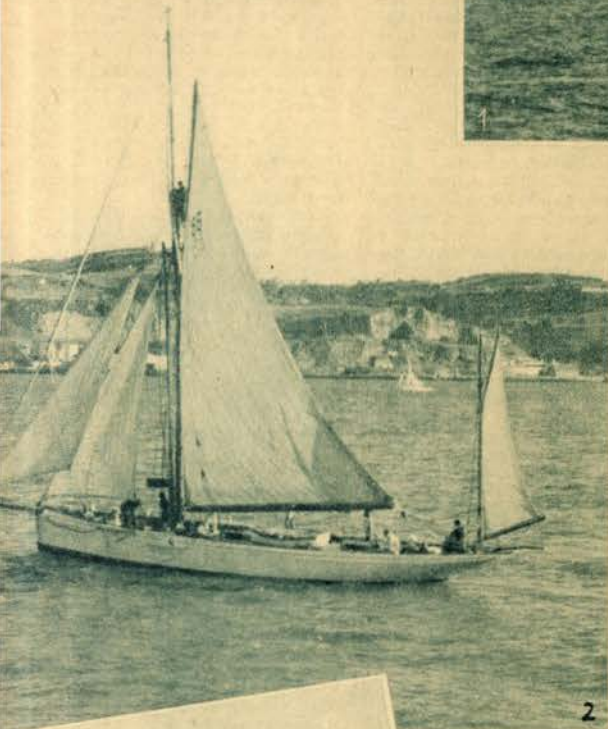
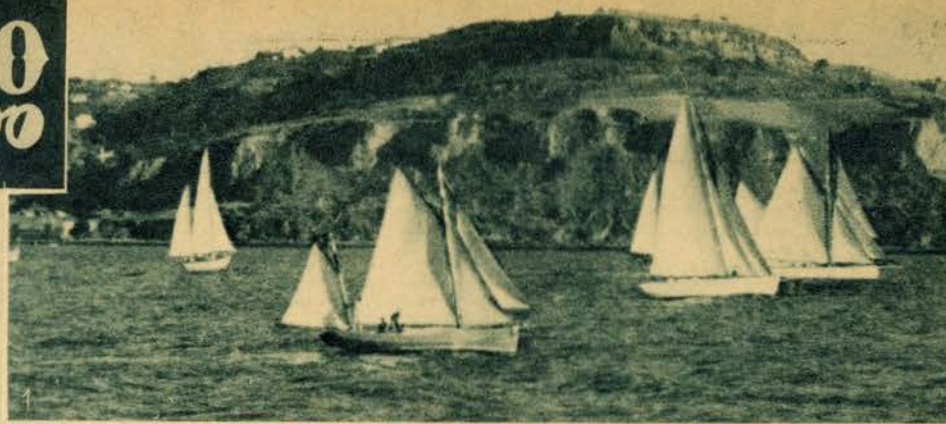
AS NOSSAS SEPARATAS

BIBLIOTECA DA «STADIUM» — Começaremos no próximo número a publicação desta *original e erie de separatas*, que terá início pela secção de Biografias, focando a actividade de um dos nossos mais brilhantes «*internacionais*» de futebol.

REPRODUÇÃO DOS EMBLEMAS DOS CLUBES DESPORTIVOS — Devido ao facto destas separatas compreenderem um conjunto total de sete cöres, o que torna a respectiva impressão muito laboriosa, só no próximo mês poderemos começar a incluir na *Stadium* esta curiosíssima colecção.

Esta demora, que somos os primeiros a lamentar, só redundará, de resto, em benefício dos coleccionadores.

O DOMINGO desportivo



VELA: 1—A largada para a regata oceanica às Berlengas, na qual se disputa o "Troféu Salazar", que foi conquistado pelo "Ribamar", do sr. Marquês da Foz; 2—O "Callaya", primeiro barco a entrar na meta. REMO: 3—Aspecto das provas disputadas no domingo. NAUTICA NA M. P.: 4—Os barcos lançados à água na última semana, numa cerimónia a que assistiu o sr. subsecretário de estado da Educação Nacional. HANDBALL: 5—Fase do jogo Sporting-Cuf, ganho pelos "leões". CICLISMO: 6—Tavares da Silva, correndo pelos C. T. T., corta a meta em vencedor da prova da F. N. A. T.: 7—A equipa dos C. T. T. vencedora da mesma corrida.

NÃO DESANIME!
USE JÁ CLOVIS
 O ÚNICO POLÍMERO INALIVEL
CONTRA A CASPA
SEBORRÉIA calvície!

FRASCO: 22\$50
 FARM. COSTA (depositario)
 R. do Amparo,
 80 - LISBOA - da Padreira, 3

FARM. SJO SEBASTIÃO, L. S. Sebastião

O Depositario envia à cobrança para todo o País



MEALHADA: 1 - Três irmãos que jogam no C. D. Mealhada e que são convidados por Gilinho, Caneia e Fialho, CALDAS DA RAINHA: 2 - A comite do Caldas Sport Club jogar nesta cidade as equipas de «tennis» de mesa do Benfica e do Sporting. Os encançados ganharam as taças «Capristanos» e «Hotel Lisbonenses», vencendo os «leões» e o Caldas C. S.; 3 - As 1.^{as} categorias do Caldas S. C., campeão distrital de Leiria em «tennis» de mesa, e do Sport Operário Marinheuse, campeão do norte do distrito, quando da final da taça «Salvador Nunes» na Marinha Grande, ganha pelos caldenses. BEJA: 4 - A equipa de honra da Associação Académica de Beja, vencedora de quantos jogos tem disputado nos seus dois anos de existência. IOMAR: 5 - A equipa de Juniores do Sporting Clube de Tomar, Campeão da zona norte de Santarém. AMARANTE: 6 - O «team» do Colégio de S. Gonçalo, orientado pelo sr. Varela Liza, que venceu recentemente os Juniores do Amarante F. C. BARCELINHOS: 7 - O desportivo de Barcelinhos, que começou esta época a disputar o torneio da 2.^a divisão da A. F. Braga. MARINHA GRANDE: 8 - O Grupo Desportivo da casa Aires Roque.



«STADIUM» continua a ter o maior interesse em arquivar todos os acontecimentos desportivos de maior relevo no continente, Ilhas e Açores, através de fotografias sugestivas. Convidamos os nossos leitores a enviarem-nos boas provas fotográficas dos assuntos que desejariam ver publicados.



ATLETISMO

TORNEIOS REGIONAIS DE SENIORES

Primeiros comentários

DISPUTADA oito dias depois dos lamentáveis factos dos «nacionais» de juniores, a 1.ª jornada dos campeonatos regionais de seniores serviu para afirmar a capacidade organizadora dos dirigentes da A. P. A., que carinhosamente continuam a trabalhar pelo atletismo.

Foi pena, realmente, que os directores da federação não tivessem assistido a esta 1.ª jornada de seniores, que tanto brilhantismo teve.

Isto quer dizer que voltou a serenidade e a disciplina ao nosso meio—atributos indispensáveis para o desempenho de uma missão.

Foram igualmente remediadas algumas deficiências que o material atlético acusava, mas para tal a A. P. A. suporiu encargos materiais incomportáveis para as suas receitas e que podem ter de vir a ser satisfeitos pelo «bólo particular» dos próprios dirigentes, se àquele organismo não se prestar o auxílio que necessita—e bem merece. Neste pormenor, também o F. C. do Pórtio colaborou, conseguindo dois dardos de magnífica construção, sem os quais não se teriam feito os respectivos lançamentos. De boa-vontade e do sacrifício de uns, do espírito ponderado de outros, e da disciplina dos atletas— neste pormenor os nossos praticantes dão lições...—nasceu um somatório de actividades que foi incidir de forma magnífica nos múltiplos pormenores da organização, que pode classificar-se de ótima—aliás assim reconhecida por toda a crítica.

Quanto aos resultados obtidos, se não são excepcionais, podem considerar-se satisfatórios. De relêvo, só os 52 s. e 2/10 de Sampaio Peixoto nos 400 metros.

É que os «seniores», mais do que qualquer outra categoria, ressentem-se ainda dos períodos longos em que estiveram inactivos e em que se não fez a «aclimação» de novos praticantes. Além disso, os «juniores» que na época passada mais brilharam—Romero e Póvoas—não estiveram agora em competição. O primeiro dedicou toda a sua simpatia ao «basket»; o segundo—embora em boa «forma»—espera definir uma situação clubista, por motivos do futebol... Assim estão a perder-se dois bons atletas! Notemos ainda a falta de Edgar Tamegão—ausente em Lisboa—que daria, sem dúvida, melhoria sensível aos resultados técnicos da jornada.

Como já dissemos, as «honras» foram inteiras para a prova de 400 metros. Mas mais do que o «tempo» de Sampaio Peixoto na referida distância, impressionou a maneira fácil e o «vontade» com que o conseguiu. Tecnicamente, o atleta progrediu muito. É claro que a perfeição ainda não foi atingida—o que quer dizer que nem todos

os possíveis recursos do atleta foram postos em jogo—mas a verdade é que Sampaio Peixoto demonstrou ter trabalhado.

Os seus 400 metros foram corridos, sem preocupações e com a certeza antecipada do triunfo; com metros iniciais em andamento rápido, duzentos metros seguintes em passada ampla e de cadência pouco veloz e cem metros finais mais rápidos que os primeiros.

Outro elemento em relêvo nesta 1.ª jornada: Aníónio Barros, vencedor dos 10.000 metros. Trata-se de um «estrelante» desta época, que sobe rapidamente à categoria mais elevada por valor próprio. Ensaaiado pela primeira vez tão longa distância e tendo por mais directo rival um «experiente», Barros limitou-se a acompanhá-lo até 1.600 metros da meta, e desde então destacou-se e vencer com perto de 200 metros de avanço sobre o segundo classificado. O «tempo», por esta circunstância, foi fraco (37 m. 21 s. e 8/10), mas desde que o atleta esteja integrado na corrida e tenha competidores, deve conseguir melhor resultado.

Nas barreiras—110 metros—Hélder Sousa foi, sem dúvida, a figura mais saliente. Comandou a prova até mais de metade—e parece-nos que depois não quis ficar preso em séniiores... O seu estilo aproxima-se muito da verdade e é sem dúvida o «especialista» com melhor futuro que temos no Norte. Veremos se na próxima época a nossa opinião se confirma...

Outras referências: Aníónio Cadele, embora ainda pouco treinado, ganhou o lançamento do dardo (45,58 m.) mercê das suas óptimas qualidades, que se mantêm sem qualquer quebra, e da sua experiência. Contudo, o jovem Armando Albuquerque continua a exhibir-se como um futuro valor e a confirmar quanto dêi dissemos na época passada. Conquistou um honroso 2.º lugar, com 43,60 m. As outras «marcas» suas desta época: campeão regional de juniores, com 42,16 m., e campeão nacional de juniores com 62,29 m. Isto prova a regularidade e progresso do atleta e desfaz a lenda do «lançamento de sorte» que lhe deu o título nacional... Trata-se, na verdade, de um elemento com grande futuro, bem demonstrado nos dois únicos anos de prática que possui—o que para um lançador não é nada. Carlos Pinto, que também tem valor, esteve infeliz (43,50 m.) e longe das suas possibilidades.

Francisco Coutinho Monteiro e Silva Lopes lutaram bem nos 1.500 metros. Foram dignos um do outro, mas Lopes parece-nos em melhor «forma» e só perdeu a corrida por erro técnico.

Herculano Mendes, no disco, o mesmo de sempre... Nelson Gomes progride e deve fazer melhor ainda esta época. Marcos: do pri-

O dr. Leonardo Reis, que ocupa hoje, pela primeira vez, um lugar de relêvo no «handball» português—a presidência da respectiva Associação—é uma figura estruturalmente desportiva, anígio praticante

Algumas opções do dr. Leonardo Reis, presidente da Associação Portuguesa



Dr. LEONARDO REIS

de futebol e «tennis», cuja acção, como atleta hábil e leal, mereceu sempre apreciações de louvor; como dirigente das associações de atletismo e de futebol, a sua actividade ficou vinculada através de decisões de espírito elevado de desportista.

Podemos dizer-se que estão de parabéns todos quantos se dedicam ao «handball» na capital do Norte.

A sua ligação a esta excelente modalidade nasceu da mesma simpatia que o voltou ao futebol—e agora, que o «handball» deixou de ser um desporto «pobre» para atin-

gir actividade florescente, o dr. Leonardo Reis pretende, com o seu esforço, garantir-lhe progressivo incremento.

Através de uma leve troca de impressões, agradável síntese de um programa equilibrado, anelámos alguns pormenores que merecem ser sublinhados.

O dr. Leonardo Reis, dentro dos seus projectos de trabalho, não quis estabelecer propriamente um plano: os seus actos serão determinados pela sequência em que surjam os acontecimentos, confiando na cooperação valiosa dos seus companheiros de direcção.

Nutre pela disciplina o mais elevado culto, e, sem desejos de se tornar «cruel», será inflexível para qualquer quebra que se verifique sob este aspecto; a sua orientação directiva não tolerará subordinações ao espírito de facção—porque será feita à base do espírito de união de todos os clubes.

O seu ponto de vista sobre arbitragens é interessante. O presidente da Associação de Handball reconhece que o problema é bem mais difícil do que se supõe e consultado acerca de uma comissão de árbitros de que fizesse parte, declinou-nos:

—Agir dentro do equilíbrio que vejo na Comissão Distrital. Tenho observado o seu esforço e imparcialidade e creio que, sem disciplina, seria impossível decidirem-se certos problemas considerados insolúveis. Para acarinhar tanto quanto se possa a tarefa ingrata dos juizes de campo e porque tal represento um dever, a nossa gerência vai distribuir medalhas pelos árbitros que traba-

(Continua na pag. seguinte)

TRABALHO BALDADO!

SOMOS dos que mais de perto têm acompanhado o assunto e conhecemos nas suas minúcias o largo labor e a tenacidade da Associação de Futebol do Pórtio para que os jogos inter-regiões do Pórtio e da Galiza fôsem um facto, não obstante todos os obstáculos levantados às necessárias negociações.

Anunciado primitivamente para o dia 31 de Janeiro, desde então todos os esforços feitos e lódes as promessas obtidas esbarraram num sem fim de coisas pequenas, que embaraçaram a efectivação dos jogos. Esteve por um fio, por motivo da posição do Cella; esteve por outro fio, por falta de datas; e finalmente o fio «quebrou-se», devido a uma determinação do organismo dirigente dos desportos em Espanha...

Não vamos referir-nos à razão, ou sem razão, dessa ordem. Outras personalidades há envolvidas no assunto, com posições de relêvo especial no nosso desporto, às quais

comprirá falar públicamente dêsse pormenor.

Unicamente nos move a vontade de prestar à gerência da A. F. do Pórtio todo o nosso apoio moral, toda a nossa solidariedade desportiva—porque a merece, incontestavelmente. Lutar como ela lutou, tenazmente, movendo céu e terra, interessando no caso elementos de toda a espécie, desportivos e extra-desportivos, solicitar, pedir, quasi esmolar—o termo pode ser aplicado sem qualquer sentido depreciativo—batendo-se contra lódes as vicissitudes, afanosamente, enviando delegados à Galiza, fazendo Intervir os mais altos valores desportivos dos dois países, para chegar ao fim e ver tudo ruir em sua volta,—é de quebrantar o ânimo mais forte! É essa vontade que pretendemos aplaudir e que desejamos que se mantenha.

Não pôde a A. F. do Pórtio realizar o seu desejo—desejo que a anima de há anos—mas nem por isso sei diminuída de um assunto que não teve a conclusão esperada e enunciada por culpa de todos... menos de si própria...

Há-de fazer-se a história dêste curioso caso. Então se verá o que foi e luta estabelecida pelos dirigentes da Associação Portuguesa.

Entretanto, juntamos o nosso protesto ao número daqueles que de todo o Norte surgirão sobre o incidente.

meiro 34,80 m.; do segundo, 33,43 m.

No comprimento, Arnaldo Garcia venceu mais uma vez (6,25 m.), mas continua arreladamente irregular no «chamada».

Dos restantes, faremos depois, quando da 2.ª jornada.

EDUARDO SOARES

(Continuação da página anterior)

lharem durante a vigência da comissão administrativa anterior.

E, para concluir, informou-nos que vai estudar, ainda esta época, a possibilidade de se estabelecer uma regulamentação na Associação Portuense que seja mais perfeita — e mais clara.

Revista da semana

Os jogos de passagem entre o Salgueiros e o Leça, depois de três encontros (o primeiro foi anulado por decisão da A. H. P.), não definiram a posição dos dois contendores: uma vitória para cada lado. Torna-se assim necessário o recurso ao jogo de desempate.

— A vitória do F. C. do Porto sobre o grupo da Cuf, e principalmente a derrota do Vigorosa, tiveram interesse à última fase do torneio máximo. Os campeões levam apreciável vantagem.

— No campo Soares dos Reis, o grupo «cujista» venceu o «conze» local num jogo particular. Como no encontro da véspera, Marreiros, Duarte e Miranda deixaram excelente impressão.

— Carlos Lancelotti arbitrou o F. C. do Porto-Cuf sem motivo para reparos. Não foi, todavia, muito bem recebido por parte do público, embora beneficiasse do ambiente preparado por elementos responsáveis. Em compensação, teve acolhimento deveras simpático no jogo de segunda-feira.

— O campeonato de reservas, disputado em duas séries, talvez não possa concluir esta época, devido à falta de datas disponíveis. O Vigorosa e o Vilenovense, numa série, e o Académico e F. C. do Porto, na outra, seguem à frente da classificação. Os pontos já adquiridos admitem o jogo de apuramento entre os «teams» das Cavadas e do Lima.

LUÍS MARCOLINO

De 8 em 8 dias

Associação de Futebol do Porto

Foram empossados os novos dirigentes da A. F. do Porto.

Este acontecimento tem, como nota de relevo especial, o facto de, pela terceira vez consecutiva, terem sido reeleitos os srs. Alberto de Brilo, presidente, Orlando de Sousa, secretário, e engenheiro Fernando Gaspar, tesoureiro — uma trindade de valores que se completam, num todo homogêneo.

Se nada mais houvesse, só este pormenor seria o incentivo para todas as palavras de amizade que pudessem escrever-se sobre a categoria social e desportiva do «trio». Mas há mais: é que o terço directivo da A. F. do Porto tem feito, nos anos decorridos, uma obra que o impõe.

Áqueles nossos bons amigos os parabéns e que têm merecido jus.

Império dos Santos foi homenageado

Os desportistas de Fanzeres, freguesia do vizinho concelho de Gondomar, prestaram já homenagem ao seu conterrâneo Império dos Santos, a qual foi levada a efeito na sede da Junta de Freguesia. Império foi galardoado com uma medalha de ouro, que sua própria mão lhe colocou no peito, com emoção

(Continuação da página 7)

«A nossa melhor propaganda, presentemente, é divulgar o exercício do remo como dos mais salutar e que as suas competições (com o devido critério, em nada prejudiciais) são espectáculos emotivos e atraentes: os resultados são animadores, pois cada ano se disputam mais provas e a assistência vai aumentando. Atrair o espectador curioso, e levá-lo a compreender o valor dos esforços despendidos, por muitos homens, durante meses seguidos, através de uma rápida corrida de escassos minutos, é tarefa difícil.

A província acompanha o desenvolvimento do remo

O nosso país tem condições magníficas para conseguir na província novos elementos para o remo. O nosso litoral apresenta-se em posição privilegiada para que tal suceda.

— Como vai, pela província, o desenvolvimento do remo? — interrogamos o ilustre presidente da Federação:

— Na província, as dificuldades dos grandes centros, como Lisboa e Porto, são bem maiores, pela escassez de matéria prima onde possam ir recrutar-se elementos capazes de suportarem as dificuldades de treino para competição, pois que, a nosso ver, sem regatas pouco ou nada nos desenvolveremos. A falta de quantidade, porém, a província supera os grandes centros na persistência e entusiasmo. Cito entre todos os casos que podíamos apontar, por ser dos mais recentes, o do Clube Galitos de Aveiro, onde, com pouquíssimos remadores, consecutivamente se obtem vitórias nítidas, melhorando o estilo e forma nos campeonatos que vencem, convencendo o público e satisfazendo os técnicos.

A mocidade de Portugal e a «Mocidade Portuguesa» no desporto do remo

Um aspecto surge neste bom ambiente que se nos depara no desporto do remo. O aparecimento de gente nova, substituindo, com valor, os mais antigos nas lutas desportivas da modalidade. O sr. comandante Soares

compreensível. Ocorre perguntar: e por cá? ...

Piscina de Espinho

Os jornais deram a notícia de ter reaberto a excelente piscina de Espinho. Ainda não a visitámos nesta temporada. Fazemos, entretanto, os melhores votos por que preencha totalmente os fins para que foi instituída, de forma a que mereça os elogios de todos os que dela se utilizem para a prática de um dos mais salutar desportos — a natação.

Boa vontade, não chega...

Coraram-se todas as expectativas quanto à visita do Barcelona a esta cidade, a aproveitar a deslocação a Lisboa, para o seu jogo com o popular Benfica.

Lamentamos o facto, não só sob o aspecto de intercâmbio desportivo, como ainda por não podermos aquilatar do valor de um grupo, que tem «esporas» de ouro no futebol espanhol, quando em confronto com a equipa do F. C. do Porto.

de Oliveira fala-nos do facto:

— A exemplo do que noutras nações sucede, também esta Federação dedicou aos campeonatos escolares o seu melhor carinho: actualmente, pelas disposições legais vigentes, é a «Mocidade Portuguesa» que os organiza e, dada a sua expansão, são ainda os clubes filiados que colaboram com a mesma Mocidade para a sua realização anual.

«A preparação dos jovens escolares está sendo facilitada pelas construções de tanques de ensino privativos em estabelecimentos educativos, onde a formação física dos alunos prende a atenção dos directores e professores, como sucedeu nos Pupilos do Exército, Colégio Militar e Escola Naval. Início, é claro, de um remador, que, só com esse elemento do tanque-escola, não chega a alcançar o prazer e satisfação adquiridos num barco.

«Na «Mocidade Portuguesa», pelos seus centros especializados espalhados por todo o litoral, existe, de facto, a preocupação de atrair a mocidade à prática deste exercício, e, com as suas regatas, prévia selecção de valores, nós já vimos quanto foi grande o impulso dado ao remo.

Provas internacionais de remo

Em todas as modalidades desportivas procura-se estabelecer o intercâmbio com o estrangeiro. Valoriza-se o desporto nacional, ao mesmo tempo que se rodeiam as modalidades de sentido especial de actividade. O brio desportivo não deixa de ser espicaçado mais fortemente pela ideia de ter de ser pósto à prova, em competição desportiva, com o estrangeiro. O remo prepara-se para estes cometimentos.

A propósito, diz-nos o ilustre presidente da Federação de Remo:

— Os encontros internacionais em Portugal estão agora suspensos, mercê das circunstâncias que atravessa a Europa. Belas jornadas já realizámos na Figueira da Foz, onde presenciámos regatas renhidas com os melhores conjuntos de todos os países e numa ocasião em que podemos classificar o nosso desporto num período de aprendizagem. Assim, as visitas de ingleses, franceses, alemães, italianos, belgas, etc., foram de grande proveito. Felizmente que, tendo voltado a paz, podemos encargar o reatamento de encontros internacionais com aquelas tripulações, em futuro breve.

«Com a Espanha, nação vizinha e amiga, não obstante as dificuldades de transporte, temos estado em contacto com a realização dos dois primeiros «matches», em 1942 e 1943, respectivamente na Figueira e Barcelona. Em confronto com os resultados obtidos, é evidente que a nossa posição

A actividade da semana

CONCLUÍDO o campeonato nacional de «basketball», disputam agora os melhores grupos da modalidade a «Taça de Honra». E tudo se encaminha para um encontro final, entre o Belenenses e o Vasco da Gama, sem dúvida as duas melhores equipas portuguesas.

No Porto, como em Lisboa, entretanto, Vasco da Gama e Belenenses estiveram em dificuldade perante o Gailões e o Grupo Desportivo da «Cuf». No desafio de Lisboa, o campeão nacional da 1.ª Divisão apenas venceu os campeões da 2.ª por 4 pontos de vantagem (25-21), e isto denunciamos que os cestistas estão agora em forma apurada.

Depois da «Taça», também desperta interesse o campeonato nacional de juniores. Aqui, só o Vasco da Gama ou o Olivais poderão ganhar o título, visto que os rapazes de Belém foram perder a Coimbra com o Olivais, por 49-25. O resultado, expressivo, dá uma informação: — os conimbricenses devem possuir com certeza boa categoria. Os vasceninos, com *team* que o ano passado ganhou o título, contam igualmente com bom conjunto.

Na «Taça Imprensa», classificaram-se os grupos do C. A. C. O., Braço de Prata, Lisgás e Carnide, O Carnide, de novo com grupo prometedora, ganhou ao Sporting por 48-30. Foi este o resultado mais digno de referência.

não é de inferioridade de classe e podemos afirmar ser equilibrado o valor das equipas de ambos os países, pela forma como as provas têm decorrido.

«Este ano, está já assente o III Espanha-Portugal. A data inicialmente escolhida teve de ser alterada, mas como essa alteração parece não convir aos visitantes, pois são os espanhóis que se deslocarão ao nosso país, a Federação, de acordo com os clubes mais interessados, resolverá o problema — que interessa extraordinariamente o remo peninsular como factor do seu melhor desenvolvimento.

O desporto do remo em Portugal — sua actividade, seus problemas e ideias para o futuro, eis os pontos principais que verificamos serem de oportunidade trazer a público, num momento em que a excelente modalidade desportiva acusa franco progresso e belo entusiasmo.

Devido à fidalga gentileza do sr. comandante Soares de Oliveira, foi-nos possível abordar este assunto com largueza de pormenores e informações.

O remo português firma-se com valor e adquire situação de relevo na actividade do desporto nacional. Efectivamente, voltámos ao mar!

FERNANDO SA

Ano II — III Série

Lisboa, 27 de Junho de 1945

N.º 134

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

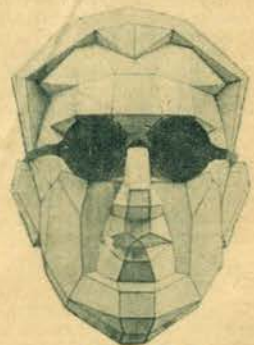
Execução gráfica de

NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

Stadium na Capital do Norte



ATLETISMO: 1 - A equipa do Academico, vencedora dos 4x200 metros; 2 - Sampaio Peixoto (Ac.), magnifico atleta portuense, na última estafeta daquela prova. Venceu também os 100 metros. REMO: 3 - A equipa do Sport Clube, campeã regional de velocidade em «2 de pontas»; 4 - O Caminhense, vencedor em «out-rigger» de 8. HANDBALL: 5 - No jogo F. C. Porto-Vigorosa, Garcia vai marcar um dos tentos do Vigorosa; 6 - A equipa do F. C. Porto, campeã nacional de «handball» pela 7.ª vez consecutiva.



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 138, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 22829 LISBOA